

## Provocação excêntrica em *NO PLACE LIKE*

Maximina Almeida

Maximina Almeida - DINÂMIA'CET - IUL, [maximina.almeida@gmail.com](mailto:maximina.almeida@gmail.com), sala 2W4 - D Avenida das Forças Armadas, Edifício ISCTE 1649-026 Lisboa, PORTUGAL

---

### Abstract

A apresentação centra-se especificamente num fragmento da Representação Portuguesa na 12ª Exposição Internacional de Arquitectura na Bienal de Veneza de 2010.

Tem como objectivo principal fazer uma interpretação, a diferentes profundidades, daquilo que se entende ser a provocação despoletada pelo filme produzido por João Onofre - o artista e convidado - para um dos pares das casas *de No Place Like - 4 Houses, 4 Films*, a casa em Santa Isabel, Lisboa, de Ricardo Bak Gordon.

Questiona-se sobre os eventuais olhares daquele criador - destemido nos meios utilizados, desvinculado das obrigações disciplinares da arquitectura, ou desconcertante nas imagens produzidas - ou ainda, meramente absorvido pela ideia de uma provocação excêntrica, inspirada em imaginários de campanhas publicitárias conhecidas e contemporâneas. Estará a excentricidade no desejo do proprietário em ver erguida a sua casa unifamiliar num dos bairros mais densamente construídos da cidade de Lisboa, ou, na vontade do arquitecto em fazer renascer uma cidade oculta através da ocupação desses espaços vazios?

É na inflexão de *Optimistic Suburbia* ou, na quase inversão do seu limite que se tenta interrogar o alcance desta ficção.

*Keywords:* Arte; Arquitectura; Bienal de Veneza; João Onofre; Bak Gordon

## PROVOCAÇÃO EXCÊNTRICA EM *NO PLACE LIKE*

### 1. Bienal de Veneza: *People meet in Architecture*

Em 2010, a curadoria da Bienal de Veneza esteve a cargo de Kazuyo Sejima que escolheu como tema *People meet in architecture*. No seu texto introdutório, afirma pretender que a Bienal seja uma reflexão sobre arquitetura, levantando, logo no início, a seguinte questão: “Pode a arquitetura clarificar novos valores e um novo estilo de vida para o presente, num contexto de mudança rápida?”. Adiante, revela que apesar das sociedades serem cada vez mais globais e interligadas “acreditamos que a arquitetura tem um papel nisto: ela tem o poder de abrir novas perspectivas.”<sup>1</sup>

Sejima sintetiza, decompondo a ideia base em três intenções para a Bienal desse ano: “ajudar as pessoas a relacionarem-se com a arquitetura, ajudar a arquitetura a relacionar-se com as pessoas, e, ajudar as pessoas a relacionarem-se consigo mesmas.”<sup>2</sup>

É sob este mote que os países participantes, e Arquitectos convidados por Sejima, são convocados a reflectir, formulando respostas no âmbito dos trabalhos já testados em obra construída ou, produzindo investigação inédita sobre os distintos meios que a Arquitectura tem para intervir neste contexto socioeconómico e cultural, tão díspar nas diferentes políticas e ideologias mundiais.

O próprio *atelier* de Sejima (com Nishisawa), SANAA, cuidou de participar, nesta Bienal, com a encomenda de um filme em 3D realizado por Wim Wenders. Numa instalação constituída por uma tela e um pequeno estrado, astuciosamente, colocados junto ao maior fluxo de passagem dos visitantes, e ao carecer de visionamento com óculos adequados e fornecidos pela organização, esta, criava uma ambiência sensivelmente futurista provocando uma curiosidade conveniente. O título do filme também é sugestivo “*If buildings could talk ...*”, rendendo-se, inevitavelmente, às intenções acima descritas.

---

<sup>1</sup> Kazuyo Sejima. 2010. “Introduction by Kazuyo Sejima”. Tradução livre de “In such a rapid-changing context, can architecture clarify new values and a new lifestyle for the present?” (...) “Still, we believe that architecture plays a significant role in this: it has a power to open up new perspectives.”

<sup>2</sup> Idem. Tradução livre de “The idea is to help people relate to architecture, to help architecture relate to people, and to help people relate to themselves.”

Wim Wenders concebeu algo que ele próprio denomina de uma "ideia absurda", na Conferência proferida com SANAA em Veneza: "E se, os espaços, os edifícios pudessem falar?" No filme, o edifício revela-se através de uma voz pausada - cativa os diversos utilizadores que, vão suspendendo, sucessivamente as suas actividades, como que para ouvir a arquitectura falar-lhes -, e, vai personalizando as relações que estabelece com o contexto. Também Sejima e Nishisawa se deleitam a guiar *Segways* através dos espaços exteriores do Rolex Learning Center da EPFL (École Polytechnique Fédérale de Lausanne) demonstrando que não escapam ao seu próprio ardid.

Fica expresso um dos motes para o evento.

## 2. *No Place Like - 4 houses 4 films*

Por seu turno, a Representação Oficial Portuguesa, com *No Place Like - 4 houses 4 films*, também recorre a filmes - ficcionados -, isto é, enfatizando, para as 4 casas, de autoria dos Arquitectos, previamente seleccionadas, os Curadores concederam liberdade artística aos 4 autores - realizadores convidados - para os pares pré-estabelecidos, como se pode atestar pelo subtítulo.

Os filmes eram exibidos como parte integrante de uma exposição projectada pelo *Atelier do Corvo*, de Desirée Pedro e Carlos Antunes, para um conjunto de salas articuladas entre si, na Universidade Cá Foscari. Numa sala central, eram mostradas as 4 maquetes das casas, em finos dispositivos autónomos, com iluminação artificial incorporada, distribuídos criteriosamente neste espaço. Entrando em cada uma das salas em seu redor, eram exibidos respectivamente, cada um dos 4 filmes. O filme de João Onofre *Sem título (SUN 2500)* muito curto, causou espanto, risos nervosos, e um sussurro imediato por oposição ao comportamento das pessoas nas outras salas de projecção, onde, se assistia serenamente e, se teciam pequenos comentários. Essa ocorrência despoletou e determinou o início desta reflexão interpretativa.

Nas inaugurações, como é habitual em circunstâncias idênticas, restringem-se os eleitos. Também aqui, a variedade de *convocados* se circunscreve à Representação (Portuguesa e Organização) com os convidados, artistas, críticos, arquitectos e estudantes Erasmus de arquitectura, que puderam visitar a exposição, terminando a noite no pátio exterior, e, com uma enchente inesperada e repentina de pessoas, se banquetearam, esgotando o cocktail.

Suponhamos que existe a provocação despoletada pelo filme produzido por João Onofre.

### 3. 2 Casas em Santa Isabel

As 2 casas de Santa Isabel, de Bak Gordon foram divulgadas em numerosas publicações (se considerarmos a escala portuguesa), de edição portuguesa e estrangeira - em monografias, revistas mensais e jornais.

Em 2011, é atribuído o Prémio FAD de Arquitectura a esta obra de Bak Gordon.

No processo de selecção, já na fase das obras finalistas o Júri avaliou as 2 Casas de Santa Isabel do seguinte modo:

Una respuesta clara, sensible y cuidadosa en emplazamiento en el que escenario y platea se invierten, con lo que se consiguen unos espacios de una profunda intimidad a partir de unos patios estratégicamente colocados.<sup>3</sup>

Consta, entre os arquitectos, que na metodologia deste prémio o Júri tem por princípio visitar todas as obras finalistas. É por isso surpreendente que a apreciação seja tão diminuta, e mesmo assim, ao querer comunicar a excelência da obra, consiga numa só frase revelar o oposto do que se experiencia na casa. A intimidade, apesar dos *pátios estratégicamente colocados* é afectada pelo olhar intruso dos habitantes dos pisos mais elevados, a partir das suas marquises. Pensamos que isso seja um dos motivos que leva o mesmo Júri a referir a inversão entre o cenário e a plateia.

Porém, desvenda o que nos parece ser uma dialéctica entre o ver e o ser visto, exibição e *voyeurismo*. Nesse sentido, não podemos omitir a cuidadosa implantação de árvores, e, o uso pontual de planos de fachada mais recuados para que se criem áreas de sombra que protegem, simultaneamente, do sol e de alguns olhares.

Para o catálogo português da Bienal, Jonathan Sergisson escreve, enaltecendo esta obra de Bak Gordon. Encontra pontos de ancoragem cultural nas casas-pátio da época romana; na tipologia das casas chinesas; e ainda, na obra de Siza Vieira, mais precisamente na casa de Carlos Siza. Ele reconhece a complexidade de relações que se estabelecem na casa, sem as habituais ligações visuais para espaços exteriores mais abertos. Explica como os espaços interiores e exteriores se fundem e refere o ajuste da casa ao clima do Sul da Europa. Destacando a experiência de Bak

---

<sup>3</sup> Ver o site da Arquinfad. Nesse ano, a Presidente do júri foi Benedetta Tagliabue e José Mateus um dos vogais.

Gordon em projectos e obras de casas unifamiliares, sustenta também a pertinência deste tipo de habitações em contexto urbano.

O próprio Bak Gordon menciona a importância dos pátios na qualificação dos espaços da casa. A construção em betão armado, aparente pelo exterior, confirma o desejo de materialização de um gesto - um embasamento que ocupa quase todo o lote -, ao qual se subtraem os vazios que configuram os diferentes pátios das casas. Ou, um conjunto de espaços articulados que se vão relacionando com os diferentes pátios exteriores.

Tem sido possível materializar um entendimento sobre o todo, a partir da parte, tendo por base que, tanto na condição difusa da periferia, como na aparente compactação do centro urbano, sobram "porosidades"; ora é nestas bolsas vagas que reside a possibilidade de uma acção regeneradora do todo.<sup>4</sup>

Bak Gordon concorda com a densificação do centro urbano acima referida. Em declarações à Lusa, defende não só a vocação dos espaços vazios para serem ocupados, como sublinha a necessidade de “fazer renascer uma cidade oculta” mas também, um “debate público sobre a ocupação de espaços vazios em Lisboa”. Segundo Bak Gordon, “Lisboa está cheia destes espaços vazios que acabam muitas vezes por ser ocupados por garagens, estacionamento ou até ficam abandonados e degradam-se”. Acrescenta, “foi um projecto privado, é certo, para uma casa particular, mas os espaços urbanos vazios podem ser aproveitados por projectos públicos e privados de forma a haver um equilíbrio na revitalização”.

Ainda questionado sobre o filme de João Onofre, Bak Gordon diz que é “um reafirmar do que pode ser lido no projecto da casa”, que “o efeito surpresa do filme pode ser comparado à nova vida que o espaço não habitado ganhou”.

Mas o que distingue uma casa unifamiliar situada em contexto urbano de outra de tipologia idêntica num contexto suburbano? Mesmo numa conjuntura favorável a investimentos mais surpreendentes, não podemos pensar a habitação, ou outra obra construída, apenas como expressão urbana reduzida ao seu limite de propriedade mas, especialmente como parte de decisões mais abrangentes.

---

<sup>4</sup> Paulo Tormenta Pinto 2010. “Suburbia: Metropolitano em Portugal”. p. 7

Acerca do seu próprio vídeo, João Onofre apenas escreve, tratar-se da “colocação de um veleiro de 9 metros na piscina da casa de S. Isabel, passando por cima de cinco prédios de 4 andares percorrendo uma distância aérea de 80 metros”. Esta é uma descrição estéril na medida em que sendo parca em questionamento ou reflexão, não tendo título, não abre trilha para que se desvende.

#### 4. Provocação excêntrica

La representación del sentido debe ser puesta en materia, tener un “cuerpo sensible concreto”. La imagen como representación material permite que el sentido perdure y establezca, pueda transmitirse y comunicarse. El sujeto conforma el sentido colectivo sólo gracias a la mediación de la materialidad de la imagen por la que éste pasa a ser “rasgo objetivo, determinación de lo exterior, atributo de las cosas”. Este es el proceso mismo de ‘constitución’ del sentido y de su ‘objetivación’.<sup>5</sup>

Comecemos pelo óbvio. É manifesto que João Onofre não se centra na disciplina da Arquitetura. Aparentemente desfocado da obra arquitectónica, isto é, focado noutra sentença torna-se desconcertante. Parece tratar-se unicamente do trabalho intelectual de um autor sobre a obra de outro autor anulando-a.

João Onofre esgota a verba disponibilizada pela encomenda para montar um *espectáculo* que se exhibe em ante-estreia para o público do bairro de Campo de Ourique, só posteriormente, a apresentação do seu registo em filme esteve disponível para o público que visitou a Bienal de Veneza.

Portanto, utiliza todos os recursos, não para desenvolver um discurso próximo da arquitetura, sujeito aos seus códigos e, segundo a provável expectativa de uma representação da arquitetura portuguesa numa bienal de Arquitetura mas, segundo nós, para uma crítica explícita à resposta arquitectónica que segue um rumo dominante de consensos expressos nas publicações e nas premeações.

---

<sup>5</sup> Amparo Vega A. 1994. “En torno a la materialidad de la imagen: representación, presentación, simulación”. p. 21. Neste artigo a autora disserta sobre “a definição da imagem como ‘representação’,” reportando-se exclusivamente a algumas obras de Ernst Cassirer e de Jean Baudrillard.

Em *Sem título (SUN 2500)*, nas casas de Santa Isabel, a excentricidade desdobra-se em diferentes sentidos. Primeiro enigma é mesmo o título. Suspeitámos que SUN 2500 poderia ser nome ou modelo de veleiro, o que se veio a confirmar.

Posicionámo-nos a uma curta distância do imaginário da campanha publicitária do Euromilhões dos Jogos da Santa Casa que estava desde 2004 “a criar excêntricos de um dia para o outro”. Alguns anos depois, o conceito de comunicação do produto era “A criar excêntricos todas as semanas”. A mensagem coincide: extravagância, consumismo.

Portanto, a divulgação massiva desta campanha na televisão portuguesa, fica arreigada culturalmente de um modo generalizado. Marca também o pequeno imaginário dos telespectadores. Similarmente, a duração do filme aproxima-se do tempo de um *spot* publicitário. E, encontramos o paralelo na utilização do veleiro. A sua descontextualização surge em ambas as narrativas. No deserto, a fantasia do excêntrico é fazer o Paris-Dakar em veleiro, esperando que o espaço se encha de água para prosseguir. Nas casas esperamos por mais referências. A tarefa árdua de transportar o veleiro para um bairro densamente construído, em que é necessário um esforço gigantesco para o colocar na propriedade privada à vista de todos.



1. JWT. (2007) Euromilhões Lisboa-Dakar



2. João Onofre. (2010). *Sem título (SUN 2500)*

Olhemos para o título escolhido pelos Curadores da representação portuguesa para a Bienal, *No Place Like*, remete para *O Feiticeiro de Oz*, como os próprios assumem. Sendo uma exposição desenvolvida ao abrigo do grande tema da Trienal de Arquitectura sobre habitação, *Falemos de casas*, há uma concorrência perfeita.

Por coincidência, há uma ligação subtil entre as portas amarelas da entrada das casas e a *yellow brick road* de *O Feiticeiro de Oz*. Será que essa magia que fez Dorothy rodopiar no tufão e passar por tamanhas aventuras até voltar à simplicidade da casa se pode encontrar no filme?

Marc-Oliver Wahler escreveu um artigo “Free-Fall: Art in a State of Weightlessness “, sobre outra obra de João Onofre, um vídeo “Sem título (Leveling a spirit level in free feat). Num vídeo, um indivíduo, com uma câmara amarrada e segura ao peito, salta, aparentemente em queda-livre tentando manter um nível entre mãos, com a bolha no centro do segmento que mostra o nivelamento. O próprio Wahler dedica o início do seu artigo à satisfação de desejos e ao fascínio que chegou a ter pela eventual possibilidade de poder levitar.

## 5. Optimistic Suburbia

Passemos à inflexão de *Optimistic Suburbia*. Não é uma conjuntura que se aplique apenas à habitação.

Por um lado, atendamos à localização da exposição portuguesa, junto à curva do Grande Canal, a grande distância do *Arsenale* e *Giardini* coloca-a numa condição de deslocada da principal efervescência da Bienal. Prova disso é também a rarefação de turistas e a existência notória de moradores. Existem esplanadas onde os turistas não são servidos como asseveração do descontentamento pela turistificação de Veneza. Confirma-se que está fora do circuito, numa circunstância de subúrbio cultural. No entanto, as conferências proferidas nos dias seguintes não deixaram de ser irradiação da cultura arquitectónica de Arquitectos Portugueses experientes no acto de seduzir a plateia e obter excelente aceitação. Por outro, se evidenciarmos as casas de Santa Isabel, como é que induzem mudanças de “estilo de vida”? O que as distingue efectivamente de outras localizadas em loteamentos de subúrbio? Ou refazendo a questão, se deixarem de ser excepção, como podemos replicar as suas qualidades benignamente?

Em Portugal, talvez mais do que em qualquer lado, a arquitectura é primeira e principalmente um veículo para comemorar aquilo que é especial, quer no domínio público quer no hiper-individual, e consequentemente não é ainda um fenómeno diário.<sup>6</sup>

## 6. Desfazendo consensos na Arquitectura

Avaliemos então o seu efeito de acordo com os três objectivos de Sejima para a Trienal:

- *Ajudar as pessoas a relacionarem-se com a arquitectura;*

---

<sup>6</sup> Hans Ibelings. 2008. “Induções de um leigo”. p. 48



- *Ajudar a arquitectura a relacionar-se com as pessoas;*
- *Ajudar as pessoas a relacionarem-se consigo mesmas.*

Com a ficção *Sem título (SUN 2500)*, João Onofre desafia a arquitectura, as ideias pré-concebidas dos arquitectos e do seu público mais próximo.

Na liberdade que lhe confere o olhar a partir do exterior da disciplina da Arquitectura, acaba por ser um agente esclarecedor que utiliza a imagem em movimento como material mediador entre o sentido das casas construídas e a sua representação em modelos tridimensionais, mais próximos do modo de operar dos arquitectos (também expostos em Veneza), e, simultaneamente, apresenta uma crítica que atinge qualquer casa que aspire a uma resposta híper-individual, mesmo num contexto urbano, onde tal não é pressuposto (?).

Tão depressa as coloca em crise pela eventual estranheza da encomenda na sua singularidade temporal e espacial, como se suporta da sua organização estruturada com clareza, para se exceder na sutileza das imagens captadas pela câmara de filmar. Numa sequência de planos obtidos a partir de câmara fixa, com pequenas excepções, compreende-se bem o contexto construído, a amálgama de telhados, chaminés, clarabóias, antenas e guarda-fogo; as vistas oblíquas que perpassam pátios e volumes e se colam ao zigzague ascendente das escadas de incêndio.

O veleiro é a personagem do filme. Aparece subitamente por trás dos telhados, suspenso em cabos presos numa grua telescópica. Provoca a exibição da excepção das casas de Santa Isabel porém, num *non-sense* funcional, num esforço tremendo mas controlado em que a casa se torna cenário. Submerge numa contraluz aquosa, e desce até mergulhar na piscina. Descansa com as velas içadas. O veleiro vem completar o que se espera do estilo de vida de quem habita este interior de quarteirão, num tecido consolidado de Lisboa, numa casa com pátios que se expande pelo logradouro e onde nem a piscina falta.

Sem hesitações, critica-se a sociedade de consumo. Cada espectador captará esta crítica ou outras mensagens consoante a sua teia cultural.

Por conseguinte, os *olhares* do realizador e do director de fotografia<sup>7</sup> de *Sem título (SUN 2500)* transformam a nossa relação com as casas de Santa Isabel e com a Arquitectura.

---

<sup>7</sup> Leonardo Simões para além de realizador também tem participado na equipa de João Onofre neste e noutros vídeos.



3. Fernando Guerra FG + SG. Casas em Santa Isabel.

## REFERÊNCIAS

DIRECÇÃO GERAL DAS ARTES (DGArtes) - MC (2010). *No Place Like - 4 houses 4 films*. Catálogo com DVD. Representação Oficial Portuguesa. 12th International Architecture Exhibition - La Biennale di Venezia.

ARQUINFAD (2011). “Obras Finalistas: valoración del jurado”. Prémio FAD de Arquitectura. [http://arquinfad.org/arquinfad\\_web/press/2011/rodaprensa/obresfinalistes\\_amb\\_textos.pdf](http://arquinfad.org/arquinfad_web/press/2011/rodaprensa/obresfinalistes_amb_textos.pdf)  
Acedido a 01 de Maio de 2015

IBELINGS, Hans. (2008). “Induções de um leigo”. In *Yearbook 07'08: Arquitectura em Portugal*. Lisboa: Workmedia. pp. 47 e 48.

JWT. (2007). “Veleiro”, “Euromilhões: patrocinador principal do Lisboa-Dakar” (Merzouga, Marrocos). Vídeo. <http://youtu.be/9MmTQJnO458> Acedido a 20 de Dezembro de 2014

LUSA. (2010). “Bak Gordon defende debate público sobre ocupação de espaços vazios em Lisboa”. *Construir*. 30 de Agosto. Acedido a 12 de Janeiro de 2015. <http://www.construir.pt/2010/08/30/back-gordon-defende-debate-publico-sobre-ocupacao-de-espacos-vazios-em-Lisboa>.

ONOFRE, João. (2010). “Sem Título (SUN 2500). DVD 8'10””. In *No Place Like - 4 houses 4 films*. Representação Oficial Portuguesa na Bienal de Arquitectura de Venezia. Lisboa: DGArtes; Trienal de Arquitectura (Organização e Produção).

PINTO, Paulo Tormenta. (2010). “Suburbia: Metropolitanismo em Portugal”. Texto apresentado no congresso *Uma Utopia Sustentável - Arquitetura e Urbanismo no Espaço Lusófono*, organizado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, de 19 a 23 de Abril. Versão final disponibilizada por cortesia do autor.

SEABRA, N. Miguel. (2005). *Bak Gordon*. 1.ª Edição. Lisboa: Librus.

SEJIMA, Kazuyo. (2010). “Introduction by Kazuyo Sejima”. La Biennale di Venezia. Acedido a 22 de Dezembro de 2014. <http://www.labiennale.org/en/architecture/ar>.

VEJA, Amparo. (1994). “En torno de la aterialidade de la imagen: representación, presentación, simulación”. In *Ensayos 1993-1994*. Bogotá: Facultad de Artes, UN. pp. 17-33

WAHLER, Marc-Olivier. (2010). “FREE-FALL (Art in a State of Weightlessness)”. João Onofre. Coimbra: CAV (Centro de Artes Visuais). Acedido a 16 de Dezembro de 2014. <http://joaonofre.com/Biography.aspx?BGP=1>

Maio de 2015

PS. - A autora não segue, deliberadamente, as novas regras preconizadas pelo Acordo Ortográfico.